

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA  
Raúl Ruiz – A Imagem Estilhaçada (Parte III)  
16 de Setembro de 2024

## LA VILLE NOUVELLE / 1980

Realização: Raúl Ruiz / Com: Martine Chaussin (jornalista) / Produção: TF1, magazine Expressions, França, 1982 / Cópia: DCP (suporte original: 16mm), cor, falada em francês e legendada electronicamente em português / Duração: 10 minutos / Primeira apresentação pública: 1980, TF1 (TV).

## QUERELLE DE JARDINS / 1982

Realização: Raúl Ruiz / Para: Botaniques, magazine concebido por Françoise Dumas / Com: Franck Oger (narração) / Imagem: L. de la Barra, O. Oviedo, L. Lecocq, M. Perrimond, A. Salomon / Som: J. C. Brisson, L. Fuentes, J. Pinto, B. Sipeyre / Montagem: M. Voisin, G. Zubovic / Produção: INA, Antenne 2, França, 1982 / Cópia: DCP, cor, falada em francês e legendada electronicamente em português / Duração: 14 minutos.

## VOYAGE D'UNE MAIN / 1985

Realização: Raúl Ruiz / Com: Franck Oger, Nadège Clair, Valeria Sarmiento / Imagem: Jacques Bouquin / Som: Jean-Claude Brisson, Gérald Dumour / Cenários: Juan Lazare / Guarda-Roupa: Catherine D'Halluin / Montagem: Valeria Sarmiento / Produção: INA, França, 1985 / Cópia: DCP, cor, falada em francês e legendada electronicamente em português / Duração: 25 minutos.

## ZIG-ZAG – LE JEU DE L'OIE / 1980

Realização: Raúl Ruiz / Com: Pascal Bonitzer, Jean-Loup Rivière / Produção: França, 1980 / Cópia: DCP, cor, falada em francês e legendada electronicamente em português / Duração: 30 minutos / Primeira apresentação pública: 26 de Junho de 1981, TV, TF1.

Duração total da projecção: 79 minutos.

*filmes de Raúl Ruiz*

---

- *Com que materiais podemos esculpir a cidade?*  
- *Com a própria cidade.*

do diálogo de LA VILLE NOUVELLE

*“Naquele Império, a arte da cartografia alcançou tal perfeição que o mapa de uma única província ocupava uma cidade inteira, e o mapa do Império uma província inteira. Com o tempo, estes mapas desmedidos não bastaram e os colégios de cartógrafos levantaram um mapa do Império que tinha o tamanho do Império e coincidia com ele ponto por ponto. Menos dedicadas ao estudo da cartografia, as gerações seguintes decidiram que esse dilatado mapa era inútil e não sem impiedade entregaram-no às inclemências do sol e dos invernos. Nos desertos do Oeste perduram despedaçadas ruínas do mapa habitadas por animais e por mendigos.”*

Jorge Luis Borges, Sobre o rigor na ciência, *in História universal da infâmia*

O cinema de Raúl Ruiz é frequentemente comparado a um labirinto em que o espectador tem tendência a perder-se. Tal deve-se sobretudo às múltiplas experiências do cineasta com as estruturas narrativas tradicionais, que estilhaça e questiona sem cessar. Disso dão conta estas quatro curtas-metragens realizadas nos anos oitenta, a última das quais alude directamente à temática do labirinto. Todavia, esta é também mais uma sessão constituída por filmes realizados para televisão, normalmente considerados menores na filmografia de um autor, que revela como Ruiz é extremamente criativo e versátil a transformar encomendas em projectos muito pessoais.

LA VILLE NOUVELLE, ou “Des formes et des couleurs”, é um documentário sobre as possibilidades da arquitectura na sua relação com as outras artes, e muito particularmente com a escultura. O filme retrata um invulgar projecto arquitectónico em Marne-la-Vallée, nos arredores de Paris, e a sua grande ambição. LA VILLE NOUVELLE dá grande destaque ao escultor Erwin Patkai, que é convidado pelo gabinete do arquitecto Jean-Jacques Villey a participar neste original projecto urbanístico para o Bairro do Pavé Neuf, que vemos em construção, convidando este, por sua vez, outros artistas a intervir no espaço público. Fiel às ideias dos retratados, Ruiz aborda os grandes espaços urbanos como obras de arte e o modo como se pode esculpir a cidade. Para tal mostra-nos maquetes, que se materializaram na cidade real, e desenvolve o filme como um diálogo a duas vozes (uma feminina e uma masculina). À questão “Tudo pode tornar-se escultura?”, a resposta é” “Sim”. E continua-se “Não são as casas que são esculturas, são as cidades.”

QUERELLE DE JARDINS é uma viagem muito peculiar por dois jardins nos arredores de Paris, o de Versailles e os Jardins de Bagatelle. Pertencendo à série “Botaniques”, aborda (em *off*) a história de um desencontro amoroso como pretexto para documentar tais jardins. Como lembrou Christine Buci-Glucksmann, se em LA VOCATION SUSPENDUE (1978) Ruiz revelava-nos duas narrativas distintas, filmadas de diferentes formas, que acabavam a confluír, aqui encontramos a história de um casal desavindo, dispersa por dois espaços e duas personagens. Ao aberto e mais solene jardim de Versailles, filmado em planos igualmente abertos e fixos, que acolhe o encontro da mulher e do seu amante, opõe-se ao parque de Bagatelle, a alguns quilómetros de Versailles, jardim inglês por onde se passeia o marido em sofrimento, que é percorrido por uma câmara à mão. A querela no amor, encontra aqui paralelo na querela dos dois jardins, e no modo como são filmados. Filme que assenta na

dissociação entre a banda de imagem e a banda de som, o que vemos nas imagens – os jardins –, diverge das histórias contadas, que se interrompem mutuamente.

Em VOYAGE D'UNE MAIN um homem e a sua mão encetam uma curiosa volta ao mundo. Inspirado pela vida e pelo diário de viagens do escritor polaco Jan Potocki, “cuja mão o conduziu em tal périplo”, Ruiz traduziu esse relato fantástico e surreal num objecto igualmente estranho. Filme mirabolante, cujo protagonista descobre que todas as viagens têm a forma de uma mão, ou possível reflexão indirecta sobre o colonialismo dominado por retroprojeções com imagens de expedições aos quatro cantos do mundo – postais, fotografias, pinturas que servem de décors que acolhem os actores –, a viagem da mão do filme começa precisamente num conjunto de esculturas africanas. Mas, se se trata de uma obra eminentemente teatral constituída por imagens múltiplas, transparências e de sobreposições, que escondem e revelam simultaneamente vários estratos para contar uma história de “mortos-vivos e de sobreviventes de um século lamentável”, este é também um filme de escalas, de mapas e de muita imaginação: “Se olhar com atenção a sua mão, posso ver mapas sobrepostos da Europa, da África e da Mongólia. Se olhar mais de perto, a constelação de Ajax. Mais perto, vejo-me a mim mesmo a olhar para a sua mão. Ou, olhando ainda mais de perto, uma infinidade de mãos dentro da sua mão”. Visões que dependem de uma ideia de escala e de aproximação, que reenvia para o último filme da sessão.

LE JEU DE L'OIE, em português “o jogo da glória”, é uma encomenda da televisão francesa a Ruiz por ocasião de uma exposição relacionada com cartografia, organizada pelo Centro Georges Pompidou. Como já referiu Jonathan Rosenbaum, Ruiz definiu o filme como uma “ficção didáctica sobre cartografia”, mas de didáctico o filme tem muito pouco. A história começa de um modo aparentemente simples, mas depressa se torna complexa: face à avaria do seu carro no meio de uma estrada, o protagonista (Pascal Bonitzer) pede ajuda a um homem que se encontra a fazer um piquenique no meio de um campo, percebendo que este joga sozinho. Rapidamente entra assim num pesadelo, em que ele próprio se transforma num “dado” e a França num “jogo da glória” em tamanho real. Tal como no primeiro filme da sessão, reencontramos dois narradores em *off*, um masculino e um feminino, que nos introduzem a mais uma ficção que envolve jogos, labirintos, mudanças de escala, no habitual delírio barroco que caracteriza grande parte do cinema de Ruiz e que envolve o espectador numa espiral sem fim. Mas, à semelhança de outros filmes de Ruiz, LE JEU DE L'OIE é também uma ficção especulativa que deve muito ao universo de Jorges Luis Borges e à sua maravilhosa ideia da possível correspondência entre mapa e território. “Se um mapa é uma representação do território, o que é o território?”, ouve-se em *off*. Questão que fica no ar, até que um novo lance de dados nos faz mudar de escala e todo o planeta entra no jogo.

Joana Ascensão